

O FENÔMENO TURÍSTICO E ENSINO-APRENDIZAGEM POR MEIO DAS PRÁTICAS TURÍSTICAS¹

THE TOURISTIC PHENOMENON AND THE TEACHING-LEARNING THROUGH TOURISTIC PRACTICES

Vanessa Santos Pelizzaro² e Edir Lucia Bisognin³

RESUMO

Neste trabalho, teve-se por objetivo verificar a necessidade da implementação de práticas turísticas, uma vez que estas têm uma abordagem multidisciplinar, no currículo do ensino fundamental das escolas da rede Municipal de Santa Maria, RS. A pesquisa foi centrada nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental Livia Menna Barreto e Santa Helena, como experiência cotidiana, vivenciada no ensino-aprendizagem pelos atores envolvidos. Diante desse recurso didático, que oferece uma construção de conhecimento rico e inter/transdisciplinar, constatamos a eficácia das viagens de estudo na práxis educativa, pois, por meio delas, é possível aprender, na prática, o que foi visto teoricamente em sala de aula. Com isso, é possível proporcionar às crianças a formação de comportamento sustentável nos eixos ambiental, cultural e sócio-antropológico.

Palavras-chave: turismo, viagem de estudo, sustentável.

ABSTRACT

The aim of this paper is to verify the need for the implementation of touristic practices, as these have a multidisciplinary approach in the curriculum of city schools in the City of Santa Maria, RS. The research is focused at the Livia Menna Barreto City School and St. Helena City School, as an everyday experience in the teaching and learning by the actors involved. With this teaching resource that

¹ Trabalho Final de Graduação - UNIFRA.

² Acadêmica do curso de Turismo - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

offers some rich, interdisciplinary knowledge, it is verified the effectiveness of field trips for educational praxis, because, through them, it is possible to learn in practice what has been seen theoretically in the classroom. With this, children may be provided with the formation of a sustainable behavior in regards to the environment, culture and the community.

Keywords: *tourism, study trip, sustainable.*

INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver o estudo do fenômeno turístico à luz das aprendizagens escolares encontra sua motivação de forma ampla, de um lado, no significado e no lugar que tal fenômeno tem ocupado, hoje, na vida cotidiana das pessoas; de outro lado, a vivência turística tem se mostrado, no contexto das práticas sustentáveis, uma experiência eficaz na formação do comportamento sustentável, podendo assim, citar as práticas turísticas como um instrumento eficaz na dinamização das aprendizagens pedagógicas, comportamentos sustentáveis nos eixos ambiental, cultural e sócio-antropológico a partir da infância. No contexto da sustentabilidade ambiental, entendemos que, desde os primeiros anos escolares, o indivíduo deve receber orientações teórico-práticas sobre os currículos e responsabilidades com o meio ambiente. A sustentabilidade cultural nos remete a questões ligadas à própria cultura em sentido amplo (como expressão dos saberes e fazeres do Homem), no que tange aos aspectos étnico e do autoconhecimento, assim como o conhecimento do mundo e da sociedade. A prática turística como atividade inter/multi/transdisciplinar é capaz de agregar conhecimentos diversos e articular diferentes disciplinas, tais como: Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática, Sociologia, entre outras. As bases do turismo com responsabilidade social, em sua essência, devem ser implantadas nas instituições de ensino por intermédio de uma organização curricular dinâmica, diversificada e inter/transdisciplinar.

Por meio da vivência turística que tal prática proporciona, bem como da sua importância, quando experienciada sob o paradigma da sustentabilidade, é possível cuidar do ambiente natural e humano, além de gerar novos comportamentos e conhecimentos lógicos, de forma dinâmica e participativa. Esse é o papel da educação. O Turismo Pedagógico busca oferecer aos estudantes a oportunidade de aprender na prática o que foi visto nos conteúdos abordados em sala de aula. Com a utilização desse mecanismo facilitador no processo ensino-aprendizagem, o que mais chama a atenção é a possibilidade de se trabalhar efetivamente a interdisciplinaridade.

Para este estudo, foi escolhida a rede municipal de ensino, pela

responsabilidade atribuída a essa rede e pelos recursos humanos dos quais a Prefeitura Municipal dispõe, como a Secretaria de Turismo do RS (SETUR), que tem por competência a programação, organização, execução e acompanhamento da política estadual do Governo do Estado na área de turismo, o desenvolvimento do Turismo, a articulação de órgãos e entidades envolvidos ou interessados, públicos e privados, para o desenvolvimento da atividade turística. A Prefeitura também conta com a Secretaria Municipal de Educação (SMED), que é o órgão responsável pelo planejamento, coordenação, execução e controle das atividades do Município relacionadas com o ensino.

Compete à SMED a elaboração e proposta da política municipal de educação com a colaboração do Conselho Municipal de Educação, sendo que a prefeitura já desenvolve um trabalho com relação ao tema Educação e Turismo Cultural. Com isso, percebe-se que já se tem uma preocupação, por parte do sistema público da cidade, em agregar a educação ao turismo como uma forma de aprendizado, visto que também a prefeitura já tem em seu quadro de funcionários, profissionais da área de turismo, os quais poderão auxiliar na elaboração das práticas turísticas sustentáveis. Tais práticas deverão ser elaboradas em conjunto pelas duas Secretarias, de Turismo e de Educação, tendo em vista o melhor aproveitamento por parte do aluno.

Outro fator que nos levou a escolher as escolas da rede municipal é a carência de conhecimentos e vivências de práticas turísticas ambientais, culturais e sócio-antropológicas que as crianças dessa rede apresentam em comparação com as crianças de escolas particulares. O turismo, no contexto das novas tecnologias do deslocamento e da comunicação, é um fenômeno que vem se desenvolvendo rapidamente nos últimos anos, e já está disseminado no cotidiano das pessoas das mais diferentes localidades do planeta.

Viajar é uma atividade que permite ao ser humano alimentar o seu imaginário e, por conseguinte, despertar o desejo de conhecer e vivenciar. Ao planejar e realizar as práticas turísticas nas escolas da rede municipal, com o auxílio de um Turismólogo, a equipe escolar tem a possibilidade de criar uma nova narrativa dos conteúdos e de oferecer uma interação com o outro, seu modo de vida, costumes, necessidades, problemas. Dessa forma, os conteúdos podem se tornar menos cansativos e mais adaptáveis à realidade das crianças. É possível também que o respeito à diversidade sócio-cultural passe a ser uma constante para o aluno por meio da inserção da ideia de que não se visita o outro, simplesmente, mas que o outro, de certa forma somos nós.

Optou-se por direcionar o trabalho para o 1º e 2º ciclos do ensino

fundamental, que correspondem ao período de 1ª a 4ª séries, por ser uma fase de intenso aprendizado, durante o qual os alunos recebem uma noção geral do mundo que os cerca. Nessa fase de desenvolvimento, a criança pode apresentar dificuldade de socialização, portanto, necessita da reafirmação e ou do conhecimento dos valores sociais, culturais, ambientais e morais.

O Turismo Pedagógico vem ao encontro dessa realidade por possibilitar uma atividade diferente da convencional, tornando assim, o processo de ensino mais agradável, capaz de despertar o interesse dos alunos e atuar, ainda, como fator motivacional para os professores. Além disso, ele demonstra a realidade em que as pessoas vivem. Portanto, é um método adequado e eficaz para despertar no educando a curiosidade, uma vez que o aprendizado depende do interesse pelo objeto de estudo. Quando o aluno adquire o interesse pelo patrimônio natural e sociocultural de sua cidade ou país, abrem-se portas a um mundo de novas descobertas e experiências que introduzirão novos conceitos, o que pode aumentar sua capacidade intelectual, desenvolver a sensibilidade e a criatividade. O aprender por meio do convívio proporciona aquisição de conhecimento aliado ao lazer, de forma dinâmica e divertida.

Portanto, a aliança entre turismo e educação torna-se de grande valia, uma vez que ambos têm as suas realizações centradas no ser humano. O turismo, como uma prática didática e pedagógica nos currículos escolares da rede municipal de ensino, poderá ser um instrumento capaz de promover o desenvolvimento humano, social e educacional. As viagens/passeios pedagógicos expandem os horizontes culturais dos indivíduos, ampliam e enriquecem a forma de pensar e atuar.

Com esse trabalho, pretendemos verificar de que forma a implementação do turismo pedagógico no currículo escolar, por meio das práticas turísticas sustentáveis, pode colaborar com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 1º e 2º ciclos das escolas da rede municipal de ensino, do perímetro urbano, da cidade de Santa Maria-RS.

DO DESLOCAMENTO DA VIAGEM AO TURISMO

Esta seção aloca o debate das aprendizagens turísticas ao longo das experiências de deslocamento humano. Assim, do nomadismo do período primitivo à contemporaneidade, um percurso de aprendizagens em torno do tempo, do espaço, da humanidade se co-formaram nesses diferentes deslocamentos. Todo o deslocamento do homem no planeta, em diferentes tempos, possibilitou algum tipo de aprendizagem ao ser humano. Há muito que viagens são um estímulo ao aprendizado.

Por meio de grandes expedições, com suas diferentes tecnologias de

deslocamentos humanos, países foram se conformando no encontro entre nativos e europeus, e culturas foram difundidas, o que trouxe para a humanidade uma gama imensurável de conhecimentos sobre as mais diversas áreas. A vivência e o contato interpessoal foram os pontos primordiais desta aprendizagem.

Na Pré-história, o homem nômade passou a viajar, principalmente, motivado pela necessidade da busca de alimento e proteção, já que sua sobrevivência dependia disso e, como afirma Tenório (1999, p. 67), “organizados em pequenos grupos, dotados de grande mobilidade, os primeiros habitantes estavam em melhores condições para adaptar-se aos condicionamentos do meio ambiente”.

Com o tempo, as tecnologias de trabalho e de deslocamento, foram se aperfeiçoando, o que permitiu modificações do ambiente terrestre que refletiram nas mudanças dos hábitos nômades de errância para os hábitos de repouso dos homens sedentários, estabelecendo de outra forma seu território, pelo cultivo da terra, criação de animais e desenvolvimento da produção de alimentos. Sobre essa reflexão, Tenório (1999, p. 67) ainda acrescenta que “a falta de tecnologia sofisticada exigiu das primeiras populações um alto grau de observação para se adaptarem a situações novas”.

Na Idade Média, a motivação religiosa também foi responsável por viagens, como as cruzadas, que permitiram conhecer novos hábitos, novos lugares, novas culturas. Segundo Rejowski (2002), foi nesse período histórico que começaram a ser edificadas as primeiras cidades, que por sua vez, foram as responsáveis pelas celebrações religiosas mais importantes, conseguindo atrair peregrinos dos mais diferentes pontos do país. Nasceram, assim, os primeiros grupos de viajantes. As principais cidades visitadas eram Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela.

Os séculos XV e XVI foram marcados pelas grandes navegações, que atravessavam os oceanos, levando centenas de pessoas durante vários meses de viagem, dando princípio ao que denominamos hoje de “cruzeiros marítimos”. Com a evolução do comércio marítimo, assim como do comércio entre as regiões próximas da Europa Ocidental, unidades hoteleiras começaram a surgir para atender principalmente os mercadores. A partir daí, os fatores de destaque como incentivo ao turismo na época, foram as constantes evoluções dos meios de transporte e consequentes melhoras na agilidade de locomoção.

O século XVII é considerado por Molina (2003) como fundamental para as viagens turísticas. Nesse período, teve início o *Grand Tour* (pré-turismo). Conforme a análise do autor, o pré-turismo se originou na Europa, no século XVII, e se estendeu até o século XVIII. Incidia em viagens realizadas pelos filhos

mais velhos dos nobres, com a finalidade de melhorar sua educação, e pelos ricos comerciantes, para estabelecer contatos diplomáticos e de negócios nas cidades mais importantes da Europa, tais como: Madrid, Paris, Roma e Londres, já que nessa época não havia meios de comunicação a não ser a escrita, e a única forma de conhecer novas culturas, outras línguas e o mundo, era viajando.

O turismo “tem experimentado diversas etapas em seu processo evolutivo, entre as quais é possível identificar três: o pré-turismo (*o grand tour*), já explicitado anteriormente, o turismo (as concepções industriais) e o pós-turismo” (MOLINA, 2003, p. 22). Para Molina (2003), o turismo industrial se subdivide em turismo industrial primitivo, turismo industrial maduro e turismo pós-industrial. O turismo industrial primitivo iniciou no século XIX e estendeu-se até a segunda Guerra Mundial. A partir daí, surgiram os primeiros hotéis urbanos, os primeiros destinos turísticos na América Latina, a expansão do transporte de superfície, a criação dos escritórios governamentais de turismo, entre outros.

Molina (2003) ainda destaca que foi também durante esse período que surgiu a primeira viagem organizada por Thomas Cook⁴, com uma série de serviços incluídos a partir de preço único. Já o turismo industrial maduro surgiu na fase em que o turismo se converteu em um fenômeno de deslocamentos massivos, o que gerou consequências sociais, políticas, culturais, ecológicas e financeiras, sendo algumas benéficas e outras maléficas. De acordo com o pensamento do mesmo autor, outra subdivisão é o pós-industrial, que teve início no começo da década de 1980, período marcado pela diferenciação dos produtos e serviços e pela segmentação da atividade. Essa década marcou também o início da personalização dos serviços, descentralização de decisões e a preocupação com o desenvolvimento sustentável.

Molina (2003, p. 26) ressalta que

o modelo de turismo pós-industrial estrutura-se a partir dos movimentos sociais e culturais, nos quais o desenvolvimento de novas tecnologias desempenha um papel cada vez mais determinante, que afeta o comportamento da demanda, o desempenho empresarial, a função do setor público, o papel das comunidades locais e a estrutura dos produtos e serviços.

⁴Thomas Cook, foi o primeiro agente de viagens que fretou um trem com o intuito de reduzir as tarifas, aumentando conseqüentemente a demanda pela viagem. Em 1841, organizou o primeiro *tour* de viagem em larga escala, utilizando campanhas publicitárias e de *marketing* para captar clientes. A empresa de Cook tornou-se uma das primeiras empresas internacionais a ganhar o reconhecimento da marca. Cook tornou acessível a viagem e o turismo a pessoas da classe trabalhadora e da classe média, padronizando-as e produzindo-as em massa.

Por fim, citamos o pós-turismo, que constitui um novo paradigma, no qual se geram produtos competitivos, tendo como caráter primordial para o seu crescimento, o desenvolvimento tecnológico e os fenômenos sociais e culturais da década de 1990. Não foi por acaso que o turismo foi concebido, inicialmente, como uma mera atividade econômica, como mais um suporte do modelo capitalista de exclusão.

Segundo Trigo (1993, p. 19), “o turismo nasceu e desenvolveu-se com o capitalismo. Por ser uma atividade do setor terciário e por não ser considerado artigo de primeira necessidade, sofreu e ainda sofre com todas as crises ao longo da história”. Moesch (2000, p. 9) complementa o pensamento de Trigo ao afirmar que, “[...] a cada avanço capitalista, há um avanço no turismo”.

No que se refere ao capitalismo, Moesch (2000, p. 9) ainda afirma que

a partir de 1960, o turismo explodiu como atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas e transformando-se em fenômeno econômico, com lugar garantido no mundo financeiro internacional. Desde 1995, o fluxo turístico cresce a uma taxa anual média de 4,3%, enquanto a expansão máxima da riqueza mundial tem sido de 3%, aproximadamente. Em 1997, o setor empregava 250 milhões de pessoas, uma entre cada dez pessoas da população mundial economicamente ativa, conforme a Organização Mundial do Turismo OMT.

As questões referentes ao turismo, geralmente, são atravessadas por preocupações meramente mercadológicas. Dessa forma, evidencia-se o fenômeno econômico por excelência em detrimento dos aspectos sociais, o que revitaliza a ideia de que o sujeito do turismo restringe-se ao setor econômico.

Conforme Barretto (1999, p. 71), “a economia foi a primeira disciplina a estudar o turismo, porque, nas primeiras décadas deste século, percebe-se, na Europa, que o turismo era fonte de divisas”. A autora ainda reforça seu pensamento quando enfatiza que “o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo” (p. 51).

Devido ao desenvolvimento de tecnologias, melhora nos meios de transporte, a vida nas cidades, o trabalho nas fábricas em substituição aos trabalhos domésticos, o turismo se transformou em um fenômeno mundial de massas.

Para Rejowski e Solha (2002, p. 85), esse período de massificação do turismo foi facilitado, principalmente, pela Europa e Estados Unidos. A consolidação da classe média, com o aumento do poder aquisitivo de amplas camadas da população em países ocidentais e aumento do tempo livre com mais dias de férias;

maior interesse em conhecer outros povos e civilizações, pela expansão da educação e da cultura; desejo de evasão, descanso e recreação em ambientes próximos à natureza, em face dos problemas decorrentes da industrialização e do crescimento populacional inseridos no processo de urbanização, também foram propulsores.

A massificação do turismo se tornou um fato e seria absurdo ignorá-lo. É fundamental compreender e conhecer com profundidade os fenômenos e as medidas que provocam e tornam os seus efeitos nefastos, ou seja, o acesso indiscriminado e massificado. Rejowski e Solha (2002, p. 85) acrescentam mais alguns aspectos, que julgam facilitadores desta massificação:

Redução da jornada de trabalho e criação de férias anuais remuneradas; grandes avanços tecnológicos na comunicação e no transporte (automóvel, avião, etc.), permitindo viagens mais rápidas e cômodas para as zonas mais distantes do mundo, e redução progressiva dos preços de transporte, em especial do avião; aplicação de técnicas de marketing e incremento da publicidade, aumentando a motivação para as atividades de lazer e, dentre estas, o turismo.

O turismo de massa contribui para a disseminação de estereótipos que tentam representar a riqueza cultural de cada região e de cada povo escolhido como destino turístico. Essa alternativa pode fazer desaparecer, com o tempo, características essenciais de uma comunidade, na medida em que os anfitriões, para atender à demanda turística, vão, pouco a pouco, adequando o seu cotidiano às necessidades dos grupos visitantes, a ponto de perder seus referenciais. Assim, com o intuito de satisfazer o cliente, vão deixando de lado as suas próprias necessidades ou desejos simbólicos.

Entretanto, a realidade pode ser outra. A subordinação do anfitrião à cultura e gostos dos visitantes não é regra geral. Quando há planejamento adequado e participação da comunidade local durante o processo de preparação de uma região para o desenvolvimento de atividades turísticas, o resultado final pode ser positivo. Os efeitos socioculturais sobre as pessoas residentes na área podem se manifestar, entre outros aspectos, em melhores condições de vida e enriquecimento cultural.

Sobre esta reflexão, Gastal (2001, p. 127) afirma que “a cultura passará a ser veículo de socialização entre visitantes e visitados, quando ela for um processo vivo de um fazer de uma determinada comunidade”.

Após esta etapa de consolidação do turismo de massa, que explorou sem limites, especialmente os recursos naturais, teve início o discurso baseado na noção de desenvolvimento sustentável, ou seja, na exploração dos recursos de uma

forma mais consciente, preservando o ambiente natural e cultural das comunidades autóctones. Nesse sentido, Rejowski e Solha (2002, p. 96) referem que

a partir do ‘boom’ do turismo, que ocasionou a sua exploração desenfreada e muitas vezes pouco responsável perante o meio ambiente em sentido amplo, este assumiu progressivamente uma postura mais crítica e preocupada com a ‘experiência turística’ sob a ótica de todos os agentes e atores que comandam o processo.

No que se refere à afirmação do turismo massivo, Krippendorf (2001, p. 142) acredita que “as viagens jamais perderão seu aspecto massivo. Mas é importante controlar e reduzir suas dimensões. A questão da quantidade adequada é essencial à planificação do turismo nas regiões turísticas”. A partir da busca por um turismo que tenha como premissa a sustentabilidade, verificaram-se alterações graduais no perfil da demanda, estimulando a criação de novos produtos e serviços.

Nesse sentido, Linkorish e Jenkins (apud REJOWSKI, 2002, p. 99) sintetizam assim essas alterações: o comportamento e a demanda tradicional foram substituídos por novos padrões, novas preferências e novos interesses de uma população que viajava cada vez mais e era experiente e sofisticada em termos de viagens para uma finalidade específica, para fins esportivos, culturais, de saúde, ou *hobbies*⁵. A grande redução no custo real da viagem ao exterior, especialmente em rotas de longa distância, abriu novas possibilidades e aumentou muito as forças competitivas. Uma expectativa por melhor qualidade, valorização do dinheiro e interesse pela satisfação ambiental são fatores novos e importantes que afetam a demanda como um todo. O apelo comercial de “produtos de massa” antigamente utilizado, como o sol quente e a areia, não é mais suficiente para garantir um sucesso em longo prazo.

Se por um lado, a globalização, as inovações tecnológicas e as comunicações sociais são motivadoras e/ou facilitadoras da atividade turística, por outro, causam fortes impactos ambientais e sócio-culturais nos lugares onde se realiza. Nesse aspecto, é importante notar as principais modificações e implicações que o fenômeno turístico traz consigo para tais lugares. Esse fenômeno passou a ser um produto e veiculador de atitudes, estilos de vida e novos padrões comportamentais. Para Moesch (2000, p. 28), “o turismo é uma atividade que repercute e se manifesta em diferentes âmbitos: fenômenos relacionados com o meio, com a cultura das comunidades humanas, com uso e costumes, com fenômenos econômicos, antropológicos, sociológicos, etc.”.

⁵ *Hobbie*: passatempo, entretenimento ou ocupação ligeira e agradável.

Consoante Trigo (1993, p. 27), “se a cultura se produz de diferentes formas nas sociedades contemporâneas, evidentemente a escola continua a ser um espaço, se não único ainda fundamental para a produção da cultura e da educação”. O autor ainda enfatiza que “o turismo, juntamente com o mundo dos negócios em geral, com o campo das artes e das comunicações, do lazer e da educação começou a fazer parte de uma sociedade extremamente ativa, questionada, mutável e multifacetada” (p. 65). Contudo, o desenvolvimento de uma proposta de turismo sustentável depende de ações que envolvam a comunidade local, a interação entre público e privado, assim como o desenvolvimento de estratégias de educação formal e informal.

Conforme Irving e Azevedo (2002, p. 35),

[...] a concepção de desenvolvimento sustentável implica um novo paradigma do pensar as sociedades humanas segundo uma nova ética de democratização de oportunidades e justiça social, percepção das diferenças como elemento norteador de planejamento, compreensão a conservação de recursos naturais.

Nesse sentido, o melhor meio de se alcançar o turismo mais responsável é, sem dúvida nos preparamos desde a infância para a prática de viajar. Assim, se faz necessária a participação da escola na formação do comportamento sustentável dos alunos, nos eixos ambiental e sócio-cultural, já que o turismo representa a oportunidade de explorar a relação homem-espaço, nas mais variadas perspectivas de análise do conhecimento humano (geográfico, físico, biológico, ecológico). Isso poderá ocorrer de maneira interativa, divertida e multidisciplinar, de forma que se obtenha um uso sustentável dos recursos e a ampliação de valores culturais vinculados à ampliação da consciência ambiental das crianças.

SUSTENTABILIDADE

A inquietação com a preservação do meio ambiente é algo muito recente. Segundo Pellegrini Filho (1983, p. 29), “o que refletiu, aliás, em movimentos ambientalistas nos países centrais, e a própria conscientização da necessidade de preservação do meio ambiente, a qual teve início na década de 1970”.

Sendo assim, a atual crise ambiental exige, para o seu enfrentamento, maior dinamismo da Educação Ambiental, aumentando a urgência de se promover a mobilização coletiva para a alteração de valores e atitudes sociais. Sobre essa reflexão, Molina (2001, p. 196) afirma que “a sustentabilidade é, no

fundo, uma estratégia mediadora que combina as forças da natureza e da cultura, e as une, conjuga e reconcilia”.

Mediante esse colapso ambiental, em 1992 ocorreu a Conferência das Nações Unidas, conhecida também como ECO 92, sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Essa reunião foi um marco inicial e importante na alteração das prioridades mundiais, pois incentivou o desenvolvimento sustentável e fez um alerta sobre a responsabilidade das nações em manter um ambiente sadio, em que se faça respeitar os direitos das populações para que a gestão global do planeta melhore. Com isso, foram estabelecidos 27 princípios básicos, dos quais se destacam a seguir aqueles diretamente vinculados ao objeto de estudo.

O princípio primeiro trata da humanidade, que deve ser o centro dos interesses de desenvolvimento sustentável. Todos têm direito a uma vida saudável e em harmonia com a natureza. O princípio segundo diz que todo Estado é soberano sobre seus recursos naturais, e responsável pelo seu manuseio.

O terceiro refere-se ao desenvolvimento, que deve atender às necessidades econômicas satisfatórias e ecológicas. Já o quarto princípio acrescenta que o desenvolvimento sustentável deve levar em conta a proteção ao meio ambiente. No quinto princípio podemos perceber a preocupação com a sociedade, pois destaca que o desenvolvimento sustentável só será atingido com a erradicação da pobreza e das desigualdades sociais. O sexto princípio se refere às medidas internacionais para a questão ambiental, que deverão levar em consideração as necessidades dos países menos desenvolvidos.

O décimo primeiro princípio aborda a necessidade da criação de uma legislação eficaz para o meio ambiente. O décimo quinto diz respeito à proteção prioritária ao meio ambiente. O décimo sétimo refere-se à avaliação constante dos impactos da ação sobre o meio ambiente. Já o vigésimo segundo e o vigésimo terceiro princípios defendem o respeito à integridade de povos primitivos, das minorias e a proteção dos recursos de povos vítimas de opressão. A natureza é muito mais que um depósito de matérias-primas a serem exploradas, é o receptáculo de anseios e desejos por parte do homem, em torno do conhecimento dos mistérios do mundo natural.

Ao encontro dos princípios supracitados, nota-se que o desenvolvimento sustentável está apoiado em alguns vértices principais, tais como o uso racional da base de recursos naturais, considerando sua limitação, as gerações futuras e a sobrevivência da espécie humana numa sociedade mais pacífica e justa, e o equilíbrio de oportunidades iguais, sem distinção de raça, sexo ou classe social (IRVING; AZEVEDO, 2002).

No entanto, a sustentabilidade é mais que apenas uma preocupação com a questão ambiental. Então, para o presente estudo, ela tem um significado mais abrangente, pois tem seus alicerces em quatro dimensões: a dimensão social, a política, a econômica e a ambiental.

Sustentabilidade é a capacidade de criar processos, produtos, serviços, cultura, enfim, tudo que é construído ou criado pelo ser humano de forma a não causar um impacto negativo em seu entorno, ou seja, no planeta. É fazer o que deve ser feito hoje, sem prejudicar o amanhã, é pensar no futuro. Para alcançarmos a sustentabilidade, é preciso enfrentar a questão das disparidades sociais e regionais, ter um processo amplamente participativo e democrático e, finalmente, oferecer soluções inovadoras para a questão ambiental, que preservem o meio ambiente e ao mesmo tempo gerem emprego e renda para a população.

No contexto dessas reflexões, do ponto de vista do turismo, Krippendorf (2001, p. 135), destaca que o turismo sustentável é aquele que respeita o ser humano e o meio ambiente. Deve ter como objetivo principal assegurar e otimizar a satisfação das múltiplas necessidades dos indivíduos de todas as camadas sociais no âmbito das instalações adequadas e num meio ambiente intacto, levando em consideração os interesses da população autóctone.

Já que o turismo se beneficia das belas paisagens e da diversidade natural e cultural, e depende da paz e segurança para o seu desenvolvimento, é de interesse da própria indústria do turismo contribuir para a proteção do meio ambiente global e justiça social. Segundo Swarbrooke (2000a, p. 111), “é preciso começar a ver o turismo sustentável como parte de um sistema mais amplo de desenvolvimento sustentável, um sistema aberto no qual cada elemento afeta os demais”.

A sustentabilidade é, no fundo, uma estratégia mediadora que combina as forças da natureza e da cultura, e as une, conjuga e reconcilia, como aponta Molina (2001, p. 182):

Os esforços de sustentabilidade não terminam com o uso produtivo e a conservação dos recursos existentes, compreende também tarefas relacionadas à reconstrução da flora e da fauna, ou seja, da chamada arqueologia, e a incorporação de certas práticas, associadas a maneiras tradicionais de produção, que se demonstraram rentáveis.

No entanto, fica explícita a importância, não apenas, da redução dos impactos ambientais, mas também da concepção de um novo limiar de desenvolvimento, que procure satisfazer as necessidades das comunidades envolvidas na atividade,

dos turistas e dos que operam negócios com um critério de sustentabilidade. Sobre isso, Pellegrini Filho (1983, p. 32) salienta que falta a compreensão básica de que a ecologia constitui um ângulo de 360 graus, que abrange não apenas o superficial de plantas, animais, poluição, o lixo que pode ser reciclado, os ruídos urbanos que contribuem para as tensões no trabalhador, não apenas a necessidade de ampliar redes de abastecimento de água e de coleta de esgoto, mas também o tratamento adequado desse esgoto. Além disso, deve proporcionar o direito humano a dispor de moradia decente, o que está ligado à qualidade de vida – um dos objetivos finais da ecologia humana – o direito de minorias populacionais poderem dispor de suas terras e poderem manter sua cultura, e assim por diante.

Dessa forma, Swarbrooke (2000b) realça que o turismo sustentável não pode existir se protegermos somente o meio ambiente e ignorarmos as necessidades sociais dos turistas e das comunidades locais. Por outro lado, ele também não pode existir genuinamente se apenas o meio ambiente puder ser protegido, negando-se os direitos humanos dos habitantes. Sendo assim, o turismo sustentável conglobera visivelmente o meio ambiente, a dimensão econômica e a dimensão social, principalmente em relação aos impactos socioculturais, que são considerados um fator de extrema importância, até mesmo crucial para o desenvolvimento sustentável.

Ao encontro da menção do autor, vem o pensamento de Molina (2001, p. 183), que ressalta os seguintes princípios para assegurar a sustentabilidade de um local: respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos; melhorar a qualidade da vida humana; conservar a vitalidade e a diversidade da Terra; reduzir ao mínimo o esgotamento dos recursos não renováveis; manter-se dentro da capacidade de sustentação da Terra; modificar as atitudes e as práticas pessoais; facultar às comunidades o cuidado de seu próprio meio ambiente; proporcionar um quadro nacional para a integração do desenvolvimento e da conservação; forjar uma aliança mundial.

As bases do turismo com responsabilidade social, em sua essência, devem ser plantadas nas instituições de ensino por intermédio de uma organização curricular dinâmica, diversificada e inter/transdisciplinar, estruturação esta necessária à compreensão do turismo como fenômeno social, cultural, ambiental e econômico. Sobre essa reflexão, Fazenda (1979) afirma que o conhecimento interdisciplinar não se restringe à sala de aula, mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social.

O melhor meio de chegarmos ao turismo mais humano é, sem dúvida, o de possibilitar às pessoas a oportunidade de se iniciarem na arte de viajar (KRIPPENDORF, 2001). Dentro desse pressuposto, as práticas turísticas, ao serem

utilizadas como uma estratégia de ensino-aprendizagem, garantem a aprendizagem tanto das matérias curriculares, quanto de valores como o respeito à diversidade cultural e ao meio ambiente. As ações educativas na área ambiental precisam levar em consideração as ordens dramáticas (ligadas à ação, vivência) das aprendizagens sociais no plano técnico-cultural, em que o ambiente é concebido como natureza histórica, indo além, portanto, das ordens lógicas (ligadas ao arcabouço teórico acumulado pela humanidade).

A educação ambiental, ao se ocupar com as aprendizagens sociais, deve levar em consideração a construção de saberes cotidianos, que estão relacionados ao espaço, ao território no qual o aprendente está inserido (cidade, bairro, meio rural, a ambiência, a paisagem), ao outro que é da esfera do humano e do ecossistêmico (a floresta, a bacia hidrográfica, a biodiversidade). Ou seja, para que os saberes cotidianos venham à tona dentro de um processo de ensino-aprendizagem é necessário que o educador aprenda com o sujeito que aprende e que conhece, na medida em que esse sujeito compartilha com outros a memória do lugar. No que se refere a essa reflexão, Fazenda (1979, p. 91) afirma que “mais importante que a modificação na estrutura curricular, faz-se necessária uma modificação nas pessoas, ou seja, uma abertura na forma de conceber a Educação e compreender a cultura”.

É isso que a prática turística ensina e deve ensinar na escola, porque produz aprendizagens, pois assim, por meio de práticas turísticas, o aluno aprenderá a olhar, a compreender e a respeitar a natureza e o modo de vida do próximo. Rejowski (2002) concorda com as afirmações de Krippendorf (2001) e aprofunda suas reflexões no que tange à ligação educação-ambiente como uma maneira de formar uma consciência de cidadãos.

APRENDIZAGENS

Turismo e Educação é um tema pouco pesquisado na atualidade, especialmente porque são duas áreas de abrangência universal e que necessitam ser cuidadosamente lincadas. Nesse sentido, Trigo (1993, p. 35) afirma que “o turismo vem tornando-se um dos meios de comunicar ideias e atitudes diferentes. Na medida em que pessoas viajam e fazem contato com outras, quebram-se preconceitos e pensamentos cristalizados de seu grupo social”. O autor ainda destaca que “se o ensino atual deve assegurar não somente a produção das competências, mas, também seu progresso, seria necessário que a transmissão do saber não se restringisse apenas às informações” (p. 33).

Como fenômeno interdisciplinar, o turismo atua diretamente com diferentes áreas de conhecimento, cujas interfaces se vinculam diretamente com a

educação. Para Wachowicz (1995, p. 58), “a educação é ao mesmo tempo reflexo e perspectiva de sua época”. A mesma autora ainda faz uma análise profunda sobre a educação e afirma “o conceito de educação passa a ter a característica de uma prática mediadora entre homem e a natureza, como ação do próprio homem, para se apropriar do conhecimento e de si mesmo” (p. 58).

Nesse sentido, é compreensível concluir a importância que a Educação sempre teve ao longo da história, pois o homem é o próprio sujeito que recebe e que promove as ações educativas, ou seja, ele é o gestor dessas ações. Trigo (1993) reforça esse pensamento quando afirma que a educação, o turismo, a tecnologia, a ciência e a cultura se fundem numa trama incomensurável de capital em todas as sociedades contemporâneas.

Existe uma forte relação entre educação e turismo motivada por diversos fatores, em que a interdisciplinaridade une as duas áreas de conhecimento. Educação, cultura, turismo e espaço devem ser vistas como aspectos interligados com forte teor de aprendizagem, pois o conhecimento perpassa por todos eles. A educação ambiental encontra-se, também, fortemente vinculada ao turismo, pois é impossível pensar um turismo sustentável sem considerar o espaço onde ocorrem as ações turísticas. Dessa forma, a atividade turística constitui um processo educativo que ocorre com a visita a lugares diferentes, pressupõe que um novo conhecimento é introspectado, o que enriquece a visão de mundo, sua visão social e cultural, numa nova realidade vivenciada.

Nesse sentido, Pires (apud ALDRIGUE; BRANDÃO, 2005, p. 5) destacam que “a partir do momento que o aluno adquire conhecimentos, se torna capacitado a investir nos setores sociais, políticos e econômicos da sua comunidade, pois possui sabedoria nestas áreas que o levam a concordar ou discordar com a situação atual desta”. O papel do professor, nesse sentido, é assumir não a função de mentor do conhecimento, mas fazer com que, por meio da educação, o aluno consiga pensar por si mesmo, sendo orientado no processo educativo, ou seja, fazer com que o aluno aprenda a aprender. Deve-se ter consciência que a educação escolar não é simplesmente um processo de transmissão do conhecimento, mas é apenas uma parte constituinte de uma grande cadeia que se estabelece entre família, escola e comunidade.

Dencker (2001) conceitua o turismo pedagógico como aquele que ocorre nas escolas e abrange o ensino básico, fundamental e médio, por meio de aulas que apresentem a importância do turismo, seus impactos positivos e negativos à sociedade. Dessa forma, aprender sobre a importância do turismo para as comunidades e sua sustentabilidade sócio-antropológica e ambiental, além de levar os alunos a respeitarem o meio-ambiente, leva-os, necessariamente, a aprender a

cuidá-lo. Aliados a esses aspectos estão, ainda, a cultura e o bem receber.

Se, desde os primeiros anos de escola, as crianças forem conscientizadas desses valores, certamente o turismo pedagógico será o grande formador de mentalidades. Aldrigue e Brandão(2005) enfatizam que com essa ferramenta de ensino, os alunos (de todos os níveis) terão, ainda, a oportunidade de observar, indagar e interagir com o objeto de estudo. Reafirmam que “as escolas deveriam investir mais na prática do turismo pedagógico, no sentido de motivar os alunos à compreensão crítica de seu entorno social, abordando temas como: meio ambiente, cidadania, ética, etc.” (p. 6).

Nesse sentido, Ansarah (2002) enfatiza que o turismo pedagógico está intrinsecamente ligado a dois pilares da educação atual: o primeiro diz respeito a aprender a conhecer. Esse pilar está relacionado a criar no aluno o amor pela pesquisa, ou seja, proporcionar atividades que façam com que ele desenvolva a capacidade de selecionar, acessar e integrar os elementos da cultura geral por meio de uma visão crítica. Esse aspecto, em síntese, é aquele que está relacionado com a capacidade de aprender a aprender ao longo de toda sua vida, quando o conhecimento vai sendo construído *pari passu*, passando pelos diferentes ciclos de vida. O segundo pilar pressupõe aprender a fazer, ou seja, é o desenvolvimento das competências, de viver em grupo, de resolver problemas, de se qualificar para o trabalho sustentável. É muito importante enfatizar que a educação e o turismo estão continuamente caminhando juntos num diálogo integrador, multidisciplinar e em constante processo de aprendizagem. Turismo e Educação é um tema ainda pouco explorado, contudo vem-se incorporando lentamente ao vocabulário profissional. Na área do turismo, novas pesquisas estão sendo desenvolvidas por pesquisadores e turismólogos que percebem a importância da temática na formação escolar.

Conforme Fusari e Ferraz (2001, p. 19), “a Educação [...] se constitui num movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático”. Assim, no ensino dos ciclos básico e fundamental podem ser incluídas e desenvolvidas práticas turísticas, que reforçam o aprendizado escolar. É necessário repensar um trabalho escolar consistente, duradouro, em que os alunos podem encontrar espaço para o desenvolvimento pessoal e social e em que as vivências acumulem conhecimentos para a vida.

Freire et al. (1986, p. 110) intensificam suas investigações sobre a educação e as relações antropológicas e sociais. Foram felizes ao afirmar que “reconhecidos, logo na primeira situação, os dois mundos: o da natureza e o da cultura e o papel do homem nesses dois mundos – não se sucedendo outras situações, em que ora

se fixam, ora se ampliam as áreas de compreensão do domínio cultural”. Nesse sentido, reafirmamos o pensamento do autor que destaca o fato da dimensão humana e cultural estar intrinsecamente ligada ao conhecimento e ampliada no processo ensino-aprendizagem.

Essa forma de pensar o ensino-aprendizagem, em que o turismo pode ser inserido como uma prática pedagógica a ser trabalhada, pode despertar a compreensão do aluno para o mundo de uma forma mais humana. A educação, assim compreendida, é a relação dialética do homem-mundo. Entendemos que é possível atingir-se um conhecimento gradativo, desde o primeiro ciclo escolar que vai aos poucos sendo introspectado, e que, na fase adulta, o indivíduo estará consciente de sua responsabilidade como cidadão e como profissional.

Wachowicz (1995, p. 96) afirma que “o diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador”. O turismo, se bem trabalhado nas escolas, pode ser o vetor de formação de consciências para a sustentabilidade sócio-cultural e ambiental.

Fusari e Ferraz (2001, p. 25) enfatizam que “a educação escolar e o meio social exercem ação recíproca e permanente um sobre o outro”. As autoras reforçam sua opinião quando complementam que “a educação para a compreensão tem como uma de suas principais preocupações a partir da realidade pessoal, social e cultural de quem aprende” (p. 141). Nesse sentido, entendemos que, para valorizar o conhecimento, é necessário que o professor conheça e compreenda a realidade individual e social de seus alunos.

Ao longo da história da educação, muitos indivíduos sempre destacaram as metas e os meios tradicionais como um currículo fixo, conceitos e fatos fixos para aprender, livros paradigmáticos, ler e exercícios para resolver. Contudo, outros contestaram esse modelo educacional, felizmente. O novo método emanado de Paulo Freire e seus seguidores procura respeitar as massas populares pela consciência da realidade dos aprendizes, condição indispensável para uma melhor assimilação do conhecimento.

De acordo com Ribas (2002, p. 6),

hoje a educação para o turismo deixou de ter apenas a função de formar mão de obra operacional para o setor, porque o turismo agora é visto como um fenômeno social, capaz de ser desenvolvido no ensino de crianças e jovens, contribuindo com a formação de consciências cidadãs e turísticas.

Uma vez que o Turismo Pedagógico se apresenta como uma possibilidade de tornar o conhecimento pertinente, contextualizado e real, a viagem é o elemento motivador para dar encanto à educação. No Turismo Pedagógico, os diversos saberes e realidades são articulados como necessidade de reconhecer e conhecer os problemas do mundo em um ambiente de divertimento e prazeres.

Para Ausebel (apud PECCATIELLO, 2005, p. 05),

a aprendizagem deve ser significativa já que é o mecanismo humano por excelência de aquisição e armazenamento de uma vasta quantidade de ideias e informações. Por sua vez, a aprendizagem significativa é aquela realizada através de uma relação não arbitrária (lógica) e substantiva (que possa ser aplicada em diversos contextos e (situações), de maneira que as ideias sejam relacionadas a aspectos relevantes existentes na estrutura cognitiva do aluno.

Entretanto, convém ressaltar que o interesse do aluno em aprender, o método e materiais utilizados para a aprendizagem são outros fatores significativos no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, a aprendizagem não se dará se o aluno não estiver disposto a aprender, e somente a disposição em aprender não é suficiente, caso a tarefa da aprendizagem não seja expressiva.

Segundo Peccatiello (2005, p. 05),

o turismo pedagógico, prática constituída de viagens realizadas por instituições de ensino, pode ser percebido como uma ferramenta didática a ser utilizada com fins de facilitar o processo de aprendizagem. Reconhecendo a necessidade atual do sistema educacional em desenvolver novas práticas educativas, com enfoque numa construção social do sujeito crítico, o turismo pedagógico se coloca como uma alternativa importante, capaz de contribuir com as escolas, proporcionando uma interação entre o sujeito e o meio, através da vivência.

Ainda, de acordo com Peccatiello (2005, p.06), “o turismo pedagógico é uma estratégia capaz de promover a aprendizagem significativa, pois a viagem torna-se a tarefa da aprendizagem beneficiando a criação de significados para os assuntos previamente estudados em sala”. A autora ainda afirma que o turismo pedagógico, “é algo que pode despertar no aluno o interesse e, por conseguinte,

a disposição para a aprendizagem” (op. cit., 2005). A atividade turística com seu caráter lúdico busca oferecer aos alunos a oportunidade de aprender na prática os conteúdos habitualmente massivos das aulas expositivas, são menos formais, conta com atividades diversificadas, que são associadas à aprendizagem.

Conforme Alencar (2001, p. 155), “uma estratégia de ensino eficaz deve preocupar-se não apenas com o currículo e a infraestrutura da escola, mas preocupar-se também com a eficácia do ensino-aprendizagem”. O meio ambiente utilizado como material didático é uma estratégia de ensino-aprendizagem que promove a abordagem interdisciplinar e contribui para a formação de pessoas mais críticas, com condições de produzir conhecimentos.

Na concepção de Becker (2001), um processo de aprendizagem ativo precisa contar com a capacidade do professor de criar relações transdisciplinares (multi, pluri ou ainda, interdisciplinares). A aprendizagem ou a construção de conhecimento ou de estruturas cognitivas se dá à medida que a sociedade se habilita, por meio, por exemplo, da escola. A questão do uso do ambiente como recurso didático é o que faz do turismo pedagógico uma opção apropriada e funcional para a quebra da rotina escolar. Além disso, facilita a transmissão, por parte dos professores, de alguns conteúdos disciplinares e de valores sociais, culturais e ecológicos.

Sobre essa reflexão, Freire et al. (apud BECKER, 2001, p. 85) afirma que “educador é aquele que, além de ensinar, aprende e educando é aquele que, além de aprender, ensina”. Entendemos como um dos princípios da ação pedagógica, o diálogo que se estabelece entre o professor, o aluno e os agentes envolvidos na educação.

Jaspers (apud FREIRE et al., 1986, p. 108) defende a ideia de que o diálogo é o indispensável caminho, não somente nas questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela virtude da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também chegam a ser eles mesmos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), emanados do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 1997a), constantes na Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9.394/96, enfatizam que os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar e por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. Dessa forma, deixa margem para que as escolas tenham certa autonomia na organização curricular e na inserção de novos métodos de ensino. O turismo, como área de conhecimento, já está sendo incluído no currículo de algumas escolas brasileiras. Portanto, professores

devem ser preparados para que seja possível uma educação para o turismo com responsabilidade, desde os primeiros anos do ensino fundamental.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são documentos que foram elaborados por diversos educadores brasileiros sob a orientação da Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e do Desporto e constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializar discussões, pesquisas e recomendações, subsidiar a participação de técnicos e professores brasileiros, visando à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997b, p. 33),

Alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente.

Os PCNs (BRASIL, 1997b) foram elaborados procurando respeitar as diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e considerando a necessidade de construir referências nacionais, comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Assim, almejou-se criar condições, nas escolas, que permitam às crianças ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

Portanto, é necessário que a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior. A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações culturais nacionais e universais (BRASIL, 1997b, p. 33).

Os PCNs (BRASIL, 1997b), já estabelecidos para todas as escolas brasileiras, são apenas um instrumento norteador, e não cerceador da criatividade dos educadores. Entende-se que cada escola, com sua equipe docente, deve fazer sua análise baseada na realidade em que está inserida. Entende-se, ainda, que o ensino-aprendizagem motivador e estimulador da criatividade é aquele

que promove a situação diferencial tanto no indivíduo, como em suas relações sócio-antropológicas. Somente assim, é possível pensar um Turismo Pedagógico eficiente e eficaz na Educação Contemporânea.

METODOLOGIA

Toda investigação exige um método, ou seja, para que os dados possam ser analisados, decodificados e que o pesquisador chegue às conclusões. Nesta pesquisa, que é de caráter qualitativo foi, necessariamente, empregado o método da História Oral para buscar, por meio de um estudo comparativo, respostas às questões abertas empregadas na coleta dos dados.

Conforme Portelli (apud MOSER, 2004, p. 69), a História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a Sociologia e a Antropologia – a padrões culturais, estruturais sociais e processos históricos, objetiva aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma.

A abordagem sobre a História Oral enquanto método de investigação deve ser sempre interdisciplinar, assim como o estudo do turismo envolve uma multiplicidade de interfaces que constituem o fenômeno. Esse método requer cuidados desde os elementos teóricos que orientam o pesquisador como o tratamento que é dado aos dados investigados.

Moser (2004, p. 74) enfatiza que “esse processo conjunto, onde a produção do depoimento já imprime algumas marcas do caráter do campo de conhecimento que está sendo instituído, definirá se temos um trabalho de antropologia, sociologia, psicologia, história, etc.”. O pesquisador deve conhecer os pressupostos teóricos do seu objeto de estudo, deve saber registrar as informações por meio de estratégias claras, pois assim lhe será mais fácil realizar a análise dos dados coletados e compreendê-los. É importante destacar que, na atualidade, a História Oral gera documentos que se constituem em arquivos orais.

Nessa modalidade de pesquisa, Moser (2004, p. 79) clarifica seus conceitos em relação a esse método e ressalta que, “com base nestes conceitos e como orientação teórica para interpretação das narrativas, é possível a utilização da metodologia da história oral e as técnicas de entrevistas orais como o caminho para a apreensão de temas relacionados aos indivíduos [...]”. Nesse caso, cabe esclarecer que o método proposto para a coleta de informações sobre a relação Turismo e Educação se constitui em forte acervo de preciosos aspectos para uma análise do estudo proposto. Dessa forma, nessa pesquisa foram utilizados

os seguintes passos norteadores: o primeiro momento foi concentrado na revisão de literatura que serviu de base sobre as questões da sustentabilidade turística, a história e o desenvolvimento do turismo, compreendendo o espaço-tempo, a Educação como norteadora da formação do conhecimento, o turismo pedagógico e, por último, o ensino-aprendizagem nas Escolas de Ensino fundamental.

De posse desse mapeamento conceitual das interfaces referidas, foram realizadas entrevistas com perguntas abertas com quatro professoras de duas escolas: Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Livia Menna Barreto, de Santa Maria, RS, atuantes no 1º, 3º e 4º anos do ensino fundamental.

Os dados coletados por meio da História Oral foram sistematizados, analisados e serviram de base para a construção dos resultados, conclusão e sugeriram um prognóstico. Cabe lembrar que na presente pesquisa, procuraram-se respostas às questões da transversalidade Turismo-Educação-Sustentabilidade. No decorrer desse estudo, a preocupação da pesquisadora esteve sempre presente no que concerne a Educar para a Vida. Dessa forma, cultivar valores humanos como amor, respeito e valorização das culturas foi um aspecto destacado para propor atividades e inculcar nos educandos atividades de autoconhecimento, cooperação e solidariedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao resgatar os aspectos fundamentais da sustentabilidade turística, o conceito de desenvolvimento nos remete, inevitavelmente, à sustentabilidade social, econômica, ecológica, geográfica e cultural. Nessa conexão de conceitos, princípios e interfaces, encontra-se a Educação, campo em que nenhum dos aspectos mencionados é fator de desenvolvimento se o conhecimento não estiver interligando todos eles. Ou seja, todos, necessariamente passam pela educação, fonte de saber do espírito.

Vigotsky (apud MOSER, 2004, p. 106) já afirmava que o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer; não existe melhor maneira de descrever a educação do que considerá-la como a organização dos hábitos de conduta e tendências comportamentais adquiridos. É mais do que pensar, é aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas.

Nesse sentido, somos do parecer de que a criança aprende com maior facilidade quando o educador desenvolve sua práxis tendo como base vivências cotidianas. Moser (2004, p. 108) ainda faz a seguinte pergunta: “Quem deve e quem

pode educar e promover a conscientização para o turismo?”. O autor responde resgatando as reflexões de Portuguese (apud MOSER, 2004, p. 108), o qual afirma que “prezamos pelo trabalho de grupos notadamente qualificados, na tentativa de iluminar os vários ângulos do mesmo assunto, visando sua compreensão numa perspectiva transdisciplinar, utilizando as diversas disciplinas do ensino fundamental na construção do conhecimento do local e de sua perspectiva para o turismo”.

Ouvir os anseios e interesses de uma comunidade se constitui no primeiro passo para planejar a educação escolar em suas múltiplas atividades de ensino-aprendizagem. Vigotsky (apud MOSER, 2004, p. 108), já citado nessa investigação, afirmava que os primeiros anos de vida são fundamentais para a educação permanente.

Por outro lado, Balastreri Rodrigues (apud MOSER, 2004, p. 109) aprofunda essas reflexões quando afirma que “a escola também funciona como importante instrumento para o desencadeamento das discussões, pois se trata de um equipamento presente em quase todas as comunidades, [...] tendo como importante espaço de interlocução a Associação de Pais e Mestres”. Diante disso, percebemos que, conforme o turismo cresce, ocorre também a necessidade de uma educação escolar nas próprias bases comunitárias. Assim, as crianças e os pais acabam por desenvolverem conhecimentos paralelos motivados pelos professores num ensino que se preocupa com a sustentabilidade social, econômica e cultural.

Sempre que a vida é pensada para melhorar a qualidade de sobrevivência com dignidade, a Educação está presente, pois entendemos que um povo sem conhecimento é um povo sem perspectivas de avanços. Nesse sentido, a educação, por meio de práticas turísticas, leva o indivíduo a perceber a vida de outra maneira. Compreende que há outras formas de se viver. Com esse entendimento, o turismo pode se tornar um importante facilitador, não só de novas oportunidades, mas despertar o conhecimento para a própria vida. Com essa visão, entendemos o turismo como um fenômeno possibilitador de mudanças e nos propomos a desenvolver esta investigação. Para tanto, foram desenvolvidas entrevistas pré-elaboradas com educadores de escolas municipais de ensino fundamental, cujas impressões serão relatadas e analisadas a seguir.

Foram entrevistadas quatro professoras⁶: duas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lívia Menna Barreto (uma do 1º ano e outra do 3º ano) e duas professoras da escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena (uma do 3º ano e outra do 4º ano).

Questionadas sobre quais conceitos são trabalhados com as crianças sobre a sustentabilidade do planeta, nos aspectos ambientais, sociais e do próprio

⁶ As entrevistas serão identificadas por educadoras A, B, C e D.

homem, a Educadora A (1º ano), afirmou que são desenvolvidos conceitos relacionados ao meio ambiente, à água, ao cuidado que se deve ter com o próprio corpo, à forma como tratam os colegas. A educadora mencionou, ainda, que enfatiza valores, respeito e postura, e que as crianças não devem deixar-se influenciar por atitudes negativas de outras pessoas. Disse a professora que o conceito é mais compreendido quando se tem a oportunidade de relacioná-lo com algo que as crianças vivem no dia a dia, por ser algo prático, presente nas suas próprias vivências cotidianas. Caso contrário, os conceitos caem no vazio, ficam apenas no campo teórico. Afirmou, ainda, que passeios e observações antes de trabalhar os conceitos são fundamentais e significativos para o aprendizado das crianças. Ela considera essa atitude muito positiva, pois a criança já carrega em si os preconceitos familiares. Assim, a professora considera muito importante trabalhar três palavras: amor, carinho e respeito. Aquilo que é bom para elas também o é para os outros, pois aceitar as pessoas com suas diferenças mesmo que elas não gostem é saber respeitá-las e respeitar a si próprio. Também é enfatizado em sua ação pedagógica que é necessário ser autêntico e buscar melhorar a cada dia, prestar atenção a si, fazer o bem para o outro, pois as pessoas se formam, transformam e se educam por meio da troca com o outro.

No início, certos alunos rejeitam os colegas que têm deficiência visual ou os que são obesos, mas posteriormente compreendem as diferenças e passam a aceitá-los.

Sobre o preconceito referente à raça e sexualidade, a professora afirma que é um aspecto preestabelecido que os alunos trazem de suas formações familiares, contudo, enfatiza aos alunos que na escola todos devem ser tratados com respeito. Assim, ela consegue trabalhar a diversidade cultural. Essa professora concluiu afirmando que “o aprendizado não é nada mais que a leitura do mundo, e o passeio o torna mais significativo”.

As Educadoras B e C, que trabalham com o terceiro ano, ao serem questionadas sobre o mesmo assunto da Educadora A, dizem que não trabalham conceitos pré-elaborados (científicos) com as crianças. Trabalham a higiene pessoal, ambiental e cuidado com a natureza de maneira informal, no modo coloquial. Usam os fatos que acontecem no dia a dia como oportunidade para trabalhar o que consta no currículo. Assim, desenvolvem conceitos de sustentabilidade ambiental. As professoras aproveitam sempre fatos de interesse das crianças. Salientam que normalmente são percebidas atitudes de higiene com o meio e respeito com os colegas, pois essas crianças já trazem uma bagagem educacional de suas famílias.

Em visitas ao teatro e praças, foram propiciadas atividades com o intuito de voltar a atenção para os cuidados com o lixo, com a natureza e com a preservação do

ambiente em geral. Com relação aos colegas novos, vindos de outras escolas, cidades e com etnias diferentes, normalmente, os alunos são muito receptivos. Geralmente, o preconceito racial é percebido muito mais nos familiares do que nos alunos.

Questionadas sobre o que pensam sobre a implementação das práticas turísticas no currículo escolar, responderam que “é o sonho de qualquer professor”. Afirmaram que passeios são necessários e que as crianças teriam maior interesse pela escola se vivenciassem o que acontece no mundo. Concluiu a Educadora B: “Mas é complicado sair com as crianças por falta de recursos financeiros”.

A Educadora C afirmou que o tema sobre o meio ambiente é abordado com os conteúdos de matemática e que serve como tema gerador para outros assuntos. Assim, nos passeios ao ar livre, aprendem sobre tipos de plantas, sobre o que é o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), a preservação das espécies e outros assuntos pertinentes. É importante destacar que a professora C percebeu em seus alunos que o que eles aprendem na escola sobre o meio ambiente e sobre a discriminação racial passam para seus familiares e para a comunidade, por meio de cobranças de atitudes respeitadas para com os outros e com o meio. Essa mesma Educadora considera que a prática turística no currículo escolar facilitaria o aprendizado dos alunos, pois conceituar algo que vivenciaram e conheceram torna muito mais acessível absorver os conteúdos em sala de aula. Trabalhar assuntos que conhecem como o rio, a vala, a boca de lobo é mais fácil do que falar de praia, especialmente para aqueles que não tiveram oportunidade de conhecer o mar.

Por último, a Educadora D, que trabalha com o quarto ano, manifestou-se afirmando que os conceitos de sustentabilidade ambiental e sócio-antropológica são desenvolvidos como um todo, como a higiene social, higiene mental, especialmente em relação a certas músicas que as crianças ouvem. Com isso, elas passam a formar uma análise crítica em relação ao que ouvem. Em relação às práticas turísticas, como atividades inseridas nos conteúdos que são desenvolvidos, a educadora afirma que elas facilitam a compreensão do aluno, pois podem ser abordados temas como o tempo, o calendário, entre outros. A prática de valores éticos, morais e religiosos poderiam ser mais firmados na escola, uma vez que se mostram fragilizados por certas famílias, cujos filhos demonstram ter carências nesses aspectos.

Segundo essa professora, seus alunos conhecem bem a comunidade, então seria educativo irem além de seu bairro. Quanto à discriminação, poucos foram os alunos que alguma vez não tivessem sido alvo de algum tipo de discriminação, disse ela. Esse assunto foi muito bem trabalhado, juntamente com outros, como crenças e respeito. Segundo a professora, os alunos entre oito e dez

anos apresentam um senso crítico muito forte e se expressam de forma coerente, com muita criatividade, sobre o que acompanham pela imprensa, na mídia e nos meios de comunicação em geral. Portanto, a análise sobre a opinião das quatro educadoras a respeito das atividades práticas e turísticas aponta que o assunto é muito pertinente e muito poderia contribuir para que as crianças do ensino básico e fundamental tivessem uma aprendizagem mais completa e de qualidade.

CONCLUSÃO

O estudo realizado percorreu alguns pontos que merecem ser retomados. A gênese do turismo, seu desenvolvimento enquanto um fenômeno social que, na contemporaneidade, está se alastrando com a transversalidade com muitas áreas de conhecimento. O modo de produção capitalista, por outro lado, abraça a atividade turística como carro-chefe da economia gerada nas diferentes sociedades contemporâneas. Contudo, reconhecer suas práticas sem um conhecimento profundo dos benefícios e dos prejuízos que tais atividades podem gerar, é temerário. O conhecimento do Turismo Sustentável passa, inevitavelmente, pela Educação, não apenas no sentido formativo dos indivíduos que buscam uma profissão, mas também na mais tenra idade escolar. É nessa fase, nos primeiros anos do ensino fundamental, que as crianças aprendem e introspectam os conhecimentos adquiridos, seja na família, na escola ou na comunidade onde vivem.

A análise dos dados e o estudo comparativo nos mostraram que as variáveis que interferem no ensino-aprendizagem estão relacionadas à falta de uma maior dotação orçamentária para as escolas, uma vez que a pesquisa evidenciou que é possível incluir atividades turísticas no currículo das escolas de ensino fundamental.

Entender como o mundo é, no espaço geográfico fora da escola, conviver com as diferenças sociais e culturais foram aspectos extremamente significativos detectados na análise dos resultados. Assim, as atividades turísticas inseridas nos currículos escolares, como esta pesquisa comprovou, seriam de grande importância para trabalhar outros conteúdos por meio de uma interdisciplinaridade.

Um ponto que deve ser ressaltado é que, na ótica fundamentada pelas respostas das educadoras entrevistadas, as crianças passam a “ensinar” os próprios membros de suas famílias e de suas comunidades. Por isso, o turismo pedagógico requer um esforço conjunto: família, educadores, escola e comunidade.

Todos esses aspectos interligados demonstram que é possível pensar um turismo sustentável, no futuro, com respeito à diversidade cultural, ambiental e social na medida em que as gerações sejam conscientizadas da importância que o turismo, com todas as suas interfaces, pode proporcionar. Esta pesquisa mostrou também a

grande responsabilidade que a Escola, o Poder Público, a Família e a Comunidade devem ter na formação conjunta das crianças de hoje, pois serão os gestores do futuro.

Os procedimentos centrais da metodologia proposta levaram-nos a concluir que o espaço-referência, ou seja, Escola e Turismo e seus aspectos sócio-antropológicos podem ser desenvolvidos pelos educadores por meio de um trabalho conjunto, de responsabilidade e inclusão social, no qual a vertente principal está objetivada nos mecanismos subvencionados pelo poder público, pois são decorrentes de vontade política.

No dizer das educadoras, ao proporcionar uma convivência com a natureza, com a cultura e com outras pessoas, o ensino-aprendizagem é muito mais rico e profundo, e a bagagem levada para a sala de aula se constituiria em importantes temas a serem trabalhados. É importante salientar que, se atividades turísticas fossem desenvolvidas nos currículos escolares, envolvendo lazer e ludicidade, a aprendizagem prática das situações vivenciadas no cotidiano sempre seriam introspectadas e acabariam por acompanhar o indivíduo ao longo de sua vida.

Aspectos como inovar, sentir, sonhar, imaginar, além de estimular a criatividade, encorajam as crianças a analisar, testar, elaborar e extrair conclusões críticas. Este é o caminho da Educação: promover o autoconhecimento, conhecimento sobre a vida e o mundo, além de buscar respostas às inquietudes desconhecidas.

Os vetores anteriormente destacados proporcionam uma autoestima, uma maior conscientização das realidades sócio-culturais e ambientais e o cultivo de valores efetivos. Dentro dessa perspectiva, podemos entender os resultados apontados nessa investigação sobre a importância de se inserir atividades turísticas que desenvolvam nos alunos o entendimento do mundo e de si próprio. A Educação permite analisar os aspectos fundamentais do turismo pedagógico, ela aprofunda a questão, a interrogação e a busca de respostas claras.

Com essa pesquisa, procuramos buscar respostas aos objetivos propostos no tema e sua delimitação, considerando a extensão do fenômeno turístico e o ser humano como o sujeito envolvido nesse fenômeno, ou seja, agente e ator de uma realidade sócio-antropológica. Toda essa reflexão nos levou a buscar a importância da educação e do turismo desde a tenra infância para que as crianças saibam, desde cedo, qual o seu papel nas atividades turísticas, sócio-culturais e ambientais. O ambiente, como um todo, é um grande aliado no processo de aprendizagem, já que é o cenário onde ocorrem todos os fatos, ou seja, onde o homem estabelece suas relações, interações e transformações. É, portanto, onde o aluno se aproxima da realidade e pode vivenciar determinadas situações que se tornam experiências significativas.

Para concluir, transcrevemos a opinião de Panosso Netto (2005, p.

145): “o turismo é um fenômeno e não uma indústria. Uma indústria pressupõe transformação de bens e, nesse caso, não se aplica ao turismo”. O crescimento do indivíduo na busca do conhecimento do mundo e de si próprio poderá humanizar a sociedade de forma mais plena, pois a Educação tem esse poder de transformação.

PROGNÓSTICO

Com base nas reflexões teóricas explicitadas na opinião de diferentes autores que se dedicam ao estudo do fenômeno turístico e da pesquisa de campo, os dados foram analisados e sistematizados. Para isso, foi empregado o método investigativo da História Oral. Os resultados da pesquisa permitem que se façam considerações para a tomada de decisões:

- Primeiro aspecto: os dados nos levaram a entender que é possível anexar atividades turísticas no conjunto de temas que são desenvolvidos nos primeiros anos do ensino fundamental. Sugere-se, então, que por meio de orientações emanadas da Secretaria Municipal de Educação em conjunto com a Secretaria de Município de Turismo e Eventos, os educadores que atuam no ensino fundamental possam inserir questões sobre as temáticas aqui explicitadas.

- Segundo aspecto: o depoimento dos indivíduos envolvidos na pesquisa apontou que é importante e necessário que as crianças dos anos iniciais de ensino fundamental tenham experiências em saídas de campo, onde possam conhecer e vivenciar outras percepções da realidade do entorno, seja em logradouros urbanos, parques, museus.

Assim, sugere-se ao Poder Público Municipal que sejam feitas dotações orçamentárias às escolas para que essas tenham condições de realizar as visitas guiadas com maior frequência.

- Terceiro aspecto: uma escola não é uma instituição isolada de sua comunidade. Destaca-se a importância do acompanhamento familiar na vida das crianças. Propõe-se uma maior integração entre Escola e comunidade por meio da Associação de Pais e Mestres. Essa integração poderia ser feita com palestras, em que Turismólogos seriam os atores desses encontros, para sensibilizar os pais e a comunidade escolar sobre a importância da sustentabilidade nos eixos ambiental, cultural e sócio-antropológico. A conscientização de um trabalho trans e multidisciplinar, certamente contribuiria para que o turismo pedagógico fosse desenvolvido, na prática, buscando soluções aos problemas aqui levantados.

- Quarto aspecto: os PCNs são modelos orientadores para as escolas particulares e públicas. Contudo não são imutáveis. Cada escola tem a liberdade de adequá-los a sua realidade. Destaca-se que os PCNs para o ensino fundamental

são de extrema importância, pois estão sendo aplicados a uma faixa-etária distinta e com uma constante preocupação com a vida.

Propõe-se, então, que as direções das escolas discutam com os órgãos superiores a inserção das atividades sócio-culturais, ambientais e turísticas para que o saber-fazer seja profundo em cada realidade escolar, consistindo na criação de situações existenciais típicas do grupo com quem irão trabalhar.

REFERÊNCIAS

ALDRIGUE, Natália de Souza; BRANDÃO, Indira Toscano. Turismo e Educação: dois alicerces indispensáveis. **Revista Global Tourism**. Turismo e Educação. Novembro 2005. Disponível em: <<http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/artigo.php?codigo=5&idioma=port> 5>. Acesso em: 08 ago. 2012.

ALENCAR, Eunice Soriano de (org). **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ANSARAH, Marília G. dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria**: reflexões e cadastro das instituições educacionais do Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. São Paulo: Papirus, 1999.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. **Ministério da Educação**. 1997b. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

DENCKER, Ada de F. Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior**: uma experiência no curso de turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** s/n ed. São Paulo: Loyola, 1979.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora (org). **Fazer escola conhecendo a vida.** Campinas: Papyrus, 1986.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 2001.

GASTAL, Susana. Turismo & Cultura: por uma relação sem diletantismos. In: GASTAL, Suzana (Org.) **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p.100-112, Coleção Comunicação.

IRVING, Marta; AZEVEDO, Julia. **Turismo o desafio da sustentabilidade.** São Paulo, SP: Futura, 2002.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico.** São Paulo: Contexto, 2000.

MOLINA, Sergio. **Turismo e ecologia.** Bauru-SP: EDUSC, 2001.

MOLINA, Sergio. **O pós-turismo.** São Paulo-SP: Aleph, 2003.

MOSER, Giancarlo. **Antropologia do turismo, sociologia e história:** temas e reflexões. Blumenau-SC: Asselvi, 2004.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo:** teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

PECCATIELLO, Ana Flávia Oliveira. Turismo Pedagógico como Estratégia de Ensino aprendizagem sob a ótica dos parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. **Revista Global Tourism**, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/artigo.php?codigo=5&idioma=port>>. Acesso em: 29 abr. 2008.

PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, cultura e ensino**. São Paulo: Papirus, 1983.

REJOWSKI, Miriam; SOLHA, Karina Toledo. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, Miriam. (org.) **Turismo no percurso e no tempo**. São Paulo: Aleph, 2002. p.71-112.

REJOWSKI, Miriam. **Turismo no percurso e no tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RIBAS, Mariná Holzmann. Educação para o turismo. **Olhar de Professor**. Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 9-20, 2002.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. vol.1. São Paulo: Aleph, 2000a.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: Gestão e Marketing**. vol. 4. São Paulo: Aleph, 2000b.

TENÓRIO, Maria Cristina (org). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

WACHOWICZ, Lillian Anna. **O método dialético na didática**. 3 ed. Campinas : Papirus, 1995.